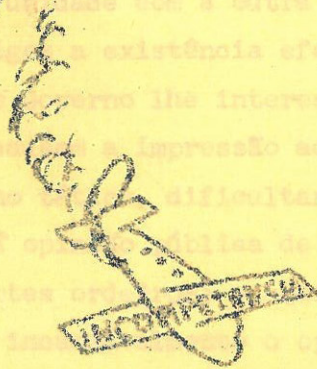


aaee: f
d
a
t
i
v
o



O
I
M
P
R
E
S
S
E



1- ANÁLISE E METODOLOGIA

As divergências entre dirigentes de Faculdades são de facto divergências ideológicas, portanto profundas; mas neste instante histórico, as divergências entre a globalidade da ideologia associativa, do Movimento Associativo e o Sistema Social instituído, com seu representante e defensor, o Governo, é incomparavelmente mais profunda. A Unidade Estudantil que se diz existir não é assim uma unidade interna efectiva, mas uma unidade externa, uma frente comum face a um inimigo comum; eis uma inferência lógica que se retira da análise anterior. Confundir uma unidade com a outra é pura mistificação e pode fazer incorrer em sérios perigos a existência efectiva da Frente comum; e aqui se encontra a razão porque ao Governo lhe interessa essa mistificação, realizando actos de provocação que causem a impressão aos estudantes de uma divergência essencialmente num plano tático, dificultando-lhes o estabelecimento duma linha de conduta una, e à opinião pública de que a divergência é entre estudantes políticos e estudantes ordeiros; e aqui se encontra a razão porque se deve combater e denunciar incansavelmente o oportunismo de determinadas facções que querem a todo o custo impor o silêncio a seus divergentes e à luta ideológica interna, a pretexto da unidade face ao governo, adquirindo uma supremacia sem verem sujeita a sua real incapacidade a um duro e constante critério de análise crítica e provocando desta maneira uma real divisão dos estudantes.

Assim a palavra de ordem correcta é: acordo tático imediato e dinamização incansável da luta ideológica interna, que se firmará na determinação de uma estratégia estudantil, que é difícil mas indubitavelmente possível de estabelecer (a não ser que se negue a validade do contido na análise efectuada nas primeiras linhas).

Desta feita, os divergentes transformam-se efectivamente em constructores constantes da sólida unidade, e não como provocantes da desunião quando do facto se nega a sua existência.



O acordo tático imediato deve assentar numa análise justa e correcta da situação momentânea do Movimento Associativo, da política momentânea governamental, e produzir como efeito uma capacidade de resposta imediata e uma face a uma política de ataque, ou na ausência desta, um fortalecimento do Movimento Associativo; assim como a de fazer frente à infiltração de burocratas e provocadores da PIDE (farei adiante uma análise mais detalhada deste último ponto). É claramente visível a insuficiência desta base tática; se se consegue a força plena quando da existência de uma tática consequente com uma estratégia bem definida. Então teremos a iniciativa do nosso lado.

Por sua vez a estratégia terá de assentar numa visão analítica da situação histórica do Movimento Associativo e da sua correlação com a situação histórica da globalidade da nação - em particular, da Universidade e do Ensino - e até internacional, assim como da justa e perspicaz compreensão da actual política governamental, suas finalidades a curto, médio e longo prazo, bem enquadrada no jogo de forças, bem enquadrada no jogo de forças político-económico-sociais do País. O Movimento Associativo ficará capacitado a encontrar as suas finalidades a curto, médio e longo prazo e poderá determinar qual o essencial e qual o acessório da sua luta em cada plano; poderá aplicar convenientemente a sua qualidade de Movimento sindical e orientar a batalha pedagógica de forma a encontrar uma comunhão dos processos diversos num processo único federativo; poderá finalmente construir a sua União Nacional dos Estudantes Portugueses e tomar a iniciativa de processos a nível nacional que até então pertencera às estruturas governamentais.

Como é também evidente, existe uma dialéctica própria neste processo; as situações gerais (do País, da política governamental e do Movimento Associativo) se alterarão, a estratégia necessitará de ser corrigida, as divergências ideológicas profundas salientam-se e o processo reencontra-se.

Para além do oportunismo perigossíssimo da negação da luta ideológica, que os dirigentes associativos se guardem de outro, igualmente de desastro - sas consequências: o de, a pretexto de más condições de segurança, limitar as



análises políticas ao seu pequeno círculo restrito. Os dirigentes, d vanguarda que devem ser, passarão a grupúsculo isolado e presa fácil para a repressão. É indispensável uma lata descentralização deste processo.

Mas o processo das más condições de segurança não se pode deixar de lado; é necessário superá-lo.

O Governo através de uma ignominiosa instituição organizada por técnicos da Gestapo fascista - A PIDE - tem todo o interesse em infiltrar-se nas fileiras do Movimento Associativo. Este interesse é duplo; por um lado interessa-lhe minar o próprio movimento, na medida em que a Universidade é o futuro da sua existência. Sem a Universidade, a classe dominante não pode ser renovada e mantida como classe dominante.

Os seus filhos têm de realizar essa importante tarefa de satisfazer a provisão necessária de técnicos e teóricos, de manter o monopólio destes no seu seio. Ora o Movimento Associativo apresenta a estes mesmos filhos da classe dominante a possibilidade de ultrapassar a sua condição de classe, e "desertar" do cumprimento dessa tarefa.

Por outro lado, é nas fileiras dirigentes do Movimento Associativo que se encontram grande número de quadros políticos conscientes, e alguns militantes de organizações anti-fascistas, cuja destruição é outra das funções, até mais importante, da prestimosa instituição.

Infiltrando-se, consegue localizá-los e eliminá-los.

Desta feita, o interesse do Movimento Associativo em impedir esta infiltração é também duplo: Por um lado a sobrevivência, pois que é a própria existência que se encontra ameaçada; por outro lado, o não ficar privada dos seus quadros dirigentes, quase sempre os mais conscientes e essenciais ao seu desenvolvimento. Noutra noção de apoliticidade, mais desenvolvida do que me parece actualmente possível para Portugal, outro interesse seria o de evitar também o desprovimento da existência desses quadros como políticos e como militantes de organizações anti-fascistas.



Como conseguem estes indivíduos (ou animais, às vezes não se percebe bem) infiltrar-se?

Verifica-se, talvez com espanto para alguns, que é o próprio Movimento Associativo que facilita a tarefa. A incapacidade de certos quadros politizados de uma facção em combater com argumentos válidos outros elementos divergentes, levam a identificá-los com rótulos a que se atribui previamente um sentido depreciativo, e à volta dos quais se formam várias "panelinhas"; estas são igualmente esclarecedores para a FIDE. Outras vezes, certos elementos não maduros não se imbuem bem de certa ideologia política, mas defendem arduamente e espalhafatosamente certos pontos de polémica. Novamente os incapazes, desta vez de outro tipo de facção, identificam todos os outros elementos que defendem os mesmos pontos polémicos, mas numa forma consciente e não espalhafatosa, como elementosas bombistas, atacados de "esquerdismo galopante" a exemplo das crianças imaturas que assim agem; e assim está novamente facilitada a tarefa da FIDE.

Mas há uma fase inicial, em que o infiltrado tem de ter uma oportunidade de se aperceber dessa luta entre facções; tem de atingir os círculos politizados do Movimento Associativo, ou melhor atingir os locais, grupos ou estruturas associativas onde se realizam discussões políticas e onde se procura prespectivar politicamente o maior número de estudantes possível.

E eles atingem, pois tudo isso se realiza num ambiente confuso e à balda. E então, estimulam conversas de "rotulação"; "revisionistas" para aqui "pró-chineses" para lá, "trotskystas" para cá. Cantam a internacional nos cafés e tomam posições extremistas nas reuniões, querem que se façam manifestações políticas dentro das Associações e em nome delas, aqueles que procuram aproximar-se dos "pró-chineses" ou "anti-revisionistas"; mostram-se ferrenhos partidários de elementos suspeitos de ligações com o Partido Comunista, espalhando voluntariamente fama de "reviscionista", de forma a ser julgado pessoa "segura" e aproximar-se assim dos tais elementos suspeitos de "pro-soviéticos"



E depois a infiltração sai do campo associativo. Os primeiros, que escolheram os "pro-chineses", procuram pessoas que parecem dispostas a fazer coisas e que pareçam "anti-revisionistas" em potência, e propõe-lhe "grupos de acção" clandestinos, etc. Depois, para ver "com quem se pode falar mais" vão perguntando opiniões sobre fulano, cicrano, os visados da lista negra. Os segundos, vão-se firmando pelos contactos que asseguram uns aos outros que é um "tipo-fixe", através da sua presença anti-fascista e "anti-chinesa", não participando nas pequenas panelas ... e por aí a fora.*

Como se pode pôr contra isto?

Há que distinguir aqui dois níveis de medidas a tomar: umas dizem respeito à maturidade individual; outras dizem respeito às Associações, é a sua forma de agir, permitindo um ambiente de amoralidade e politiquice incrível.

O problema fundamental, consiste em se definir em termos claros e imediatamente divulgados qual o papel das Associações na formação política dos estudantes; situado este, resta determinar o como, e impor rigorosas normas de sobriedade à volta de tais realizações. E isto porque DEVE existir uma formação política dos estudantes, que não se pode abandonar.

— X —

* Evidentemente que não pretendi fazer aqui um manual de como age um PIDE; a intenção é apenas a de alertar as pessoas para os métodos mais frequentes e claros de infiltração e provacação. É claro que a PIDE possui muitas mais e variadas maneiras de agir, e é claro que algumas vezes quem age assim é "apenas" um "inconsciente". De qualquer maneira, a inconsciência é igualmente perigosa...

P.F.A.

